Olho as montanhas
e desce de suas vertentes o perfume
de seus sedosos véus.
Olho as alturas
e só vejo o sol omnipotente
a estender-me suas mãos luminosas
como qualquer enamorado.
A vida ou nada.
A vida apenas ou qualquer destino.
Quando o pinhal, trémulo, floresce
e dos nós que brotam do seu corpo
cantam as novas crias do verão
com fome fresca:
a fome e apenas vida.
Este piar, meu peito, o movimento
de tudo o que está cansado e vive.
Não está tudo animado de uma fome
magestosa e terna?
Uma fome vigia
para que a vida continue, sendo canto,
para que a vida continue, sendo vida.
Uma fome ou este eu que aqui, no centro
da bondade, irradia os clamores
que fazem da manhã um sortilégio
suavemente deitado:
baixo os olhos
e pousa-se o coração como uma ave
nos laboriosos campos delicados
da cor do mel,
olho mais fundamente
e quase já não vejo outra carícia
que não seja beleza.
É o silêncio
o que me impregna inteiro esta distância,
o que me dá a altura inconveniente
de onde as coisas se incorporam
à sua divindade.
Mas este curso
que em meu dorso palpita irresistível
sabe que o mundo é mais, que vida é vida,
que o que o sangue pelas veias leva
é uma bravia torrente que não logra
deter-se alegre:
mana e mana
com imprevisto curso lamentoso
sua força cega:
geme e goza e canta
porque a vida é isso, trino ardente,
porque a vida é isso, força cega,
força que lavra o mundo primoroso
e o homem reclinado que dormita
no pinhal derradeiro.

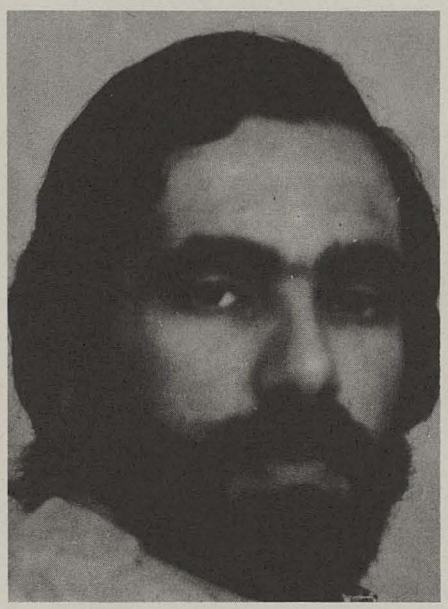
(La meta-física)

RASHID: O COLAR DESFEITO

CONTA UM

A "Única Grande Ode", de Muhammad Rashid, recordou-me Usbek, o estrangeiro em Paris das "Lettres Persanes". Antes de conhecer este poeta que nasceu com nome (e nisso se distingue de António Barahona da Fonseca, poeta anónimo) eu fizera a mesma pergunta cretina daquele parisiense que se julga o expoente máximo das civilizações universais: "ah, ah, Monsieur est Persan? C'est une chose bien extraordinaire! Comment peut-on être Persan?"

Como se pode ser M. Rashid em Lisboa, urbe civilizadamente ocidental, nos anos da expansão espacial? Acreditei, e disso não sei se me penitencie agora, que tão peregrina circunstância pudesse ser uma extravagância intelectual à maneira de Pessoa, deriva *personal* com mais interesse charadístico do que poético, no sentido em que a poesia se identifica com o ser e não com o nome. A menos que se trate do Nome, nome do Ser Supremo, evidentemente. Mas acontece que Rashid existe, ou existiu, não como charada teatral, mas como vi(d)a iniciática para alcançar o ser. Projecto ambicioso de que o "Ritual de Passagem", primeiro volume da incompleta trilogia "Aos Pés do Mestre", nos dá a confirmação.



Por "ser" entendo o real que é em estado de graça, luz contraposta à opacidade civilizada duma realidade que perdeu a graça, ficou des-graçada. Rashid era A.B. da Fonseca em estado de graça. Que não dura, não é contínua, mas ainda explode intervalarmente. E por isso me lembrei de Usbek, representante do estado de ingenuidade (liberdade) primordial, de quando, por exemplo, escreve a Roxane:

"Que vous êtes heureuse, Roxane, d'être dans le doux pays de Perse, et non pas dans ces climats empoisonnés où l'on ne connoit ni la pudeur ni la vertu! Que vous êtes heureuse! Vous vivez dans mon sérail comme dans le séjour de l'innocence, inaccessible aux attentats de tous les humains"

E com a candura e ingenuidade de Usbek passo à nostalgia do estado primordial de inocência e necessidade de encontrar as pontes de ligação com o lugar edénico, atitudes religiosas próprias de Rashid, o amante dos prazeres naturais:

"Tenho dos meus antepassados
árabes os olhos castanho-curvos,
a fronte escarpada e a destreza
na luta
Deles herdei o Invisível e a noção
de conforto ao nível do sol(o)
e os lícitos prazeres que ensinam
a usar dos frutos da terra,
— oh, todos os prazeres, o haxixe
e a luxúria, — magnífica, a luxúria; — sobretudo o erotismo
e a preguiça"

Transcrevi um fragmento final da ode, forçoso será agora regressar a outro princípio. O princípio de que parto, entretanto, é sempre o mesmo: este espaço que habitamos, tal como o habitamos, está saturado de uma realidade intransitável. É preciso que manifestemos um sonho neste lugar para que se possa enfim dormir.

Muhammad Rashid-António Barahona da Fonseca é um estranho poeta cuja obra se torna difícil de agarrar em termos de visão de conjunto, por ser fragmentária e incompleta. Não somente "Aos Pés do Mestre" (MR) e "Pátria Minha" (ABF) são textos cujas partes finais não foram ainda publicadas (o que é lamentável, pois trata-se de obras muito belas e de estilo francamente original), mas também a "Única Grande Ode" é um projecto poemático, não podendo ser considerada um texto acabado.

CONTA DOIS

A *Ode* tem características de poema em formação, apesar de se apresentar como *grande* e *única* (no sentido de *unida*; a noção de *uno* é frequente nas obras do autor, recordemos o "Amor Único"). É claro que a obra dos poetas vivos nunca é definitiva. Porém, a *Ode* assume a incompletude como processo poético homólogo da vida pessoal, em curso de formação e aperfeiçoamento. O poema espelha o que em Rashid é procura incessante de uma maturidade interior que possa exprimir-se pelo acesso à serenidade absoluta. Serenidade que pode significar a purificação das muitas amarguras sofridas durante o percurso: "Que a acumulação das máculas seja lavada", prescreve Çankara.

Acumulação.

Talvez pudesse dizer que tive um sonho. Os livros que me inquietam vêm por vezes povoar-me as noites. No meu sonho havia uma palavra obcecante, repetida até ao desespero: *acumulação*. Digerida a ode, aparecia reduzida a um problema central, o da acumulação. Podia ser a sobreposição de frases sem conexão lógica, ou o amontoado de proposições de natureza heterogénea: "Escrever imediatamente quando Deus quizer". O presente, neste caso, não se articula com o futuro, porque talvez o poeta não tenha encontrado a verdadeira conexão com o senhor da decisão: Deus. A acumulação sintáctica seria assim mero reflexo visível do conflito invisível entre Eu e Deus. Os dois nomes não são rigorosamente substituíveis, não correspondem ao *Um* da *única ode*. Pelo contrário, as duas entidades acumulam-se. Na verdade, há três identidades acumuladas — Eu (Rashid), Deus, e Ele (ABF) —, trindade imperfeita porque perfeitamente divisível, dividida e conflituosa. Seria preciso que os três fossem um só, algo como a assunção do "Amor Único".

Procura-se a unidade geradora de libertação. A procura pressupõe um percurso, logo, uma infinitude. Enquanto Ulisses viaja, Ítaca não pode ser considerada ponto final ("Pátria Minha"). De resto, não há pontos finais nos livros do autor, talvez porque não há possibilidade de usar esse tipo de pontuação. Seria falsear na escrita o que na vida é incompletude e devir. O percurso mostra-se sobressaltado, pois a viagem é feita por etapas breves, subitamente interrompidas por outros destinos que se cruzam com o do sujeito. O cruzamento mais doloroso será o de ABF com MR. Como a intersecção se situa no plano interior, a viagem não tem expressão geográfica ou, a tê-la, será de ordem simbólica. Por isso o terceiro volume de "Aos Pés do Mestre" se intitula "O Peregrino Imóvel". Trata-se da imobilidade específica do êxtase, se bem que Rashid nunca o atinja: a acumulação (de experiências) não conduz ao êxtase, mas à exaustão. Em todo o caso, a tendência itinerativa manifesta-se pela contemplação.

CONTA TRÊS

Rashid é um ser puro, a candura de "Aos Pés do Mestre" só pode ser a de criança realmente abençoada por Deus. Mas na *Ode* já cada vez *a criança é mais alta*: o crescimento arrasta a decomposição de Rashid. Quando ABF fala, na *Ode*, pela boca do poeta islâmico, a atmosfera mística começa a dissolver-se, a do-

çura extática dá lugar ao *mar amargo*. O conflito entre o sagrado e o profano, entre o Invisível e o visível, entre o som inaudível e o ruído. Se ABF desaparecesse da vida de Rashid, talvez a acumulação de ruídos provocada pelo primeiro pudesse ser purificada pelo silêncio contínuo do segundo. Rashid é a consciência posta à escuta do silêncio: "Que tenha fundas raízes em cada um o desejo do conhecimento do Ser", ainda Çankara.

MR e ABF são a mesma pessoa, não se dando sequer o caso de pelo meio aparecer a *persona*. Apenas, o primeiro corresponde a uma opção religiosa que surge como via de redenção para o segundo, acontecendo entretanto que a a-identidade de ABF é demasiado forte para se deixar submergir pelo outro que nasceu com Nome. O conflito entre as duas atitudes estampa-se claramente em "Pátria Minha", obra do poeta profano ("Procura-se: Rashid, o Bem Dirigido / / — *Procura-se amanhã de manhã quando / houver luz*, disse para uma presença de mim que perdera o nome de Barahona / podia ser um agora e logo à noite outro"), aquele cuja falta de fé é mais forte que a fé do poeta islâmico. Na "Única Grande Ode" também há acumulação de páginas da vida de ambos, ABF começa a corroer a identidade de Rashid. A submissão do Bem Dirido consente que o outro lhe devore a inocência. Ítaca corresponde, assim, ao lugar da identidade a recuperar.

A fragmentação do texto — acumulação de citações, mantras, experiências, incidentes, páginas soltas de diário sonâmbulo — relaciona-se com o despedaçamento do sujeito, vida opaca de que rebentam pontos luminosos. Os momentos de transparência fulgurante são os que merecem ser escritos e comungados em leitura. Entre eles não há pontes de ligação.

CONTA QUATRO

O sonho: era um poema contínuo, escrito por acumulação, folhas coladas a todo o comprimento das noites. Colagem. "Papel e tesoura". Depois o colar partiu-se, as cartas espalharam-se pelo ar, algumas perderam-se. Não há ligação entre as pedras, não há o fio do colar. De que natureza eram as ligações, que pedras foram perdidas? Só quando forem achadas se poderá conhecer a sua natureza.

No diário comum juntam-se os dias, um após outro. Mas na *Ode* os dias soltaram-se, não formam sequências temporais: "*Digam embora que me biografei vou escrever uma página da minha vida*". Note-se, não se vai escrever um livro limitado por princípio e fim, mas *uma* página. A acumulação de páginas, não linearmente coladas, dá a imagem do percurso intermitente, noite sem ligação com o dia, dia sem ligação com o tempo. Tempo sem ligação com o corpo. É como um poema especular feito em pedaços. Diz-se, quando se parte um espelho, haverá sete anos de azar. Que Rashid não precise de tanto para reconstruir o seu "Amor Único". Afinal, foi isso o que se partiu. Sobram pedaços do filme, lembranças doces e amargas, pedras do colar desfeito. É preciso um laço que una tudo outra vez, fio que dê a volta e funda princípio e fim: "OM MANI PADME HÛM", está escrito na *Ode*., *OM* designa o todo, a assunção do Ser Um. Acumulam-se fórmulas mágicas obsessivamente reiteradas, na tentativa de exorcismar a dualidade e alcançar a consciência perfeita do Uno. Mas entre os dois — Rashid e António Barahona da Fonseca — talvez não haja elementos possíveis de ligação. Provavelmente o Ser está acima da resolução do conflito entre sagrado e profano, o fio do colar pode não participar da natureza de nenhum deles. Podem as nascentes do mel situar-se numa ilha impossivelmente outra.

CONTA CINCO

As pedras têm diferente configuração, divergindo também de valor. Há fragmentos na *Ode* de irreal beleza mística, tão característicos de MR-ABF, trechos profanos mais inclinados à formulação dos preceitos da arte poética de ABF, e luminosos instantes daquele erotismo cândido que fazem de "Aos Pés do Mestre" um jardim das delícias. "Untei o pénis com mel" é um convite específico de Rashid.

Colar desfeito, ainda, porque as águas de um e outro tendem agora a juntar-se num processo de dissolução de ambos. Por isso há necessidade de mais um renascimento — "Já não sei quantas vezes nasci" —, forma de superar as limitações impostas pelo conflito entre civilização ocidental e tradição oriental, dando-se à luz um corpo novo, perfeito e uno:

"Chegou a hora de ultrapassar os limites do mundo a fim de habitar na cara do terror e dos anjos, loucura possível ou destino à Fausto, ou então transcendência total, iluminação, coincidência com a luz, ou morte imunda como um parasita"

Não é a morte de Rashid que se deseja, mas a liquidação da dualidade. Se não houver a *coincidência com a luz*, ou a *transcendência total*, o sujeito não conseguirá sobreviver a um destino vulgar e sem história. Há que chegar ao "Prado do Repouso" em situação de graça, muito *para além do bem e do mal*.

Ou muito para além do prazer e da dor, numa Ítaca edénica onde o mel corre e as abelhas esvoaçam atraídas pela luz. Até chegar a esse lugar que se situa *aqui* e *agora*, sendo embora uma ilha fora da realidade, o navegador solitário terá de enfrentar um imenso *mar amargo*.

A "Única Grande Ode" é, então, não uma obra acabada, mas um texto (a)morosamente despedaçado, em vias de conjugar as pedras soltas numa construção que possa enfrentar a vida nova, iluminada. Acontece entretanto que, se é amargo o mar a percorrer, também a ressurreição é uma "aurora que não desponta facilmente". Para que a manhã se cumpra há necessidade de mantras, fórmulas, filtros mágicos. O mais importante filtro é exactamente o mel, bebida apaziguadora, iluminante, capaz de ressuscitar os mortos. Tão central se torna essa procura da regeneração que o seu símbolo dará origem à temática central de uma obra de Rashid a publicar futuramente: "A Vida das Abelhas". ●

Maria Estela Guedes